

O combate mapuche continua.

Nina Kolarek

Na década de 90, o grupo italiano *Benetton* adquiriu 900 mil hectares de terras na Patagônia argentina, para a criação de ovinos, destinados à produção de lã (9% das melhores terras aráveis). A comunidade mapuche vem denunciando há décadas a expansão deste consórcio italiano sobre o seu território, um verdadeiro império. As terras foram vendidas à revelia das comunidades indígenas e muitas famílias foram expulsas. Com o aumento da pressão da opinião pública, e para não estragar a imagem da marca, a *Benetton* decidiu fazer "doações" de terrenos aos mapuches, a fim de ganhar tempo e acalmar os ânimos, chegando até a construir um museu dedicado à cultura mapuche. Os indígenas continuam em disputa judicial contra o grupo, que controla um dos maiores latifúndios da região.

Os mapuches têm resistido também com igual afinco e coragem aos projetos energéticos de construção de centrais hidroelétricas, que ameaçam a bacia hidrográfica do vale do Elicura, região do Biobío, onde vivem cinco comunidades mapuches.

Projetos impulsionados pela empresa espanhola *Hidrowatt*, pertencente ao grupo *Impulso*, de José María Grugues. Segundo os indígenas, esses projetos só trazem destruição para a biodiversidade e a fauna, constituindo um verdadeiro saqueio dos recursos naturais.

Empresários sem escrúpulos financiam lobbies sobre empresas, instituições públicas e governos locais e 'vendem' o projeto como um passo importante no avanço e no desenvolvimento energético desses territórios.

Outra questão conflitiva é a questão da expansão florestal com a introdução do cultivo do eucalipto e da casuarina (pinus australiano) -

devido à grande rentabilidade gerada por essas culturas -e isso em detrimento da agricultura tradicional diversificada e das florestas nativas. Essas áreas de monocultivo intensivo com fins comerciais, conhecidas como "*desertos verdes*" têm impactado também os recursos hídricos e desterritorializado comunidades inteiras de indígenas.

O *Grupo Saesa*, que se dedica aos negócios de distribuição e implantação elétrica, deu cobertura e facilitou a implantação do grupo transnacional *RP Global* e dos grupos canadenses *OT-PPB* (Ontario Teachers Pension Plan Board) e *Alberta Investment Management Corp* (AIMCO) : grupos que controlam e estão por trás das empresas *Saesa*, e que estão também presentes no Brasil e no Uruguai.

Esses grupos não respeitam os acordos ambientais internacionais nem tampouco a declaração sobre os direitos dos povos indígenas.

O grupo espanhol *Hidrowatt* que atua no setor hidroelétrico detém também direitos de exploração do cobre, no setor da mineração, na cordilheira de Nahuelbuta. A mineração é sem dúvida a atividade econômica mais rentável e importante do Chile. A iniciativa privada representa hoje quase 60% do setor. Apesar da sua alta rentabilidade, esse setor explora um recurso não-renovável.

O Chile é considerado hoje como um modelo do sistema econômico neoliberal na região -desde o golpe militar de Augusto Pinochet em 1973- que permitiu a entrada de companhias transnacionais que se enriqueceram, e que continuam se enriquecendo, com a extração de suas grandes riquezas minerais.

É um país extremamente atraente para os investimentos estrangeiros, europeus e norte-americanos (Canadá e EUA), com uma das cargas tributárias mais baixas do mundo.

As populações indígenas sequer são informadas ou consultadas previamente sobre essas transações, que são feitas sem o seu consentimento e sem o seu acordo.

A história do povo mapuche é uma longa história de usurpações, agressões e injustiças, que começou com a invasão espanhola do século XVI e que infelizmente está longe de acabar. A única coisa que permanece inalterável é a coragem em prosseguir o combate pelo reconhecimento dos seus direitos à autodeterminação e a defesa de sua cultura ancestral.

O povo mapuche tem lutado ininterruptamente contra o Estado chileno, os latifundiários e as empresas transnacionais que contam com o apoio governamental. Os conflitos têm sido reprimidos com muita violência e intervenção militar e a resistência indígena é acusada de atos de « terrorismo ».

Mas os mapuches de hoje se solidarizam também com outros combates e movimentos sociais, que ultrapassam a mera 'questão indígena'. Nesse sentido, estabeleceram também parcerias políticas importantes com as comunidades mapuches argentinas.

Juntos, mapuches argentinos e chilenos, organizaram ações de protesto e marchas para denunciar o encarceramento, a tortura e o assassinato de seus líderes. A aproximação entre as duas comunidades é vista como um 'perigo' pelos governantes dos dois países. Na verdade, o território ancestral mapuche extrapola as fronteiras dos respectivos estados-nacionais, que foram configuradas arbitrariamente pelos conquistadores e mantidas após a independência, mas sempre foram contestadas pelos indígenas.

Quase todos os dias são presos, torturados ou sumariamente executados militantes da causa mapuche. A luta é sempre a mesma : pela recuperação, defesa e proteção dos seus espaços originários. Eles lutam também contra a discriminação e o racismo que sofrem por parte do Estado. Os mapuches ainda são considerados como

cidadãos chilenos de segunda classe, apontados como bandidos, vadios ou bêbados.

Seria necessário redefinir com urgência o estatuto constitucional dos povos originários e seus direitos territoriais. Enquanto isso não se faz, os mapuches continuam lutando e morrendo num enfrentamento constante contra latifundiários, empresas florestais, hidroelétricas e mineradoras, que são, como vimos, na sua grande maioria controladas por poderosos grupos econômicos estrangeiros.

Violeta Parra faz uma comovente exortação aos mapuches-habitantes da Araucanía- na sua canção *Arauco tiene una pena*. Suas palavras continuam vibrando e ecoando em nossos corações como uma incitação, um grito de guerra e encorajamento, para que prossigam o combate legítimo e justo por seus direitos e terras. Levante-se guerreiro mapuche, seja qual for o seu nome, e lute, como lutaram Lautaro, Caupolicán e Galvarino. Hasta siempre compañeros !
